

Estamos todos condenados

Célio Heitor Guimarães



Vale do Javari: região do Amazonas onde Bruno e Dom foram mortos tem sido palco de violência contra ativistas (foto | Wikipédia - reprodução)

O indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips tinham muito em comum. Ambos amavam o Brasil, amavam a Amazônia e amavam, sobretudo, os índios que habitam a vasta região amazônica. Pagaram caro por isso. Foram assassinados, esquartejados, queimados e enterrados na floresta alagada. Bruno era funcionário concursado da Funai, em licença, com notáveis serviços prestados ao órgão e à comunidade indígena. Dom era repórter investigativo do conceituado jornal inglês *The Guardian*, que colhia dados para escrever um livro sobre a situação selvícola brasileira.

Os tiros que mataram Bruno e Dom atingiram a todos nós, brasileiros que querem bem o país, a sua gente, as suas matas, os seus rios e suas montanhas e os povos da floresta. Atingiram também o governo, a administração pública nacional, as Forças Armadas, os órgãos de segurança... Mas alvejaram, sobretudo, o Brasil, já tão vilipendiado no conceito internacional. Espera-se, agora, que sejam divulgados os nomes dos mandantes, embora todo mundo já saiba quem foram. Ou a Polícia Federal vai continuar insistindo que um crime deste jaez não teve mandantes nem a participação de organização criminosa?! E que foi idealizado, planejado e executado apenas pelos pescadores ilegais “Pelado”, “Dos Santos” e “Pelado da Dinha”?

O Vale do Javari, no oeste do Amazonas, assim como toda a Amazônia, está infestado de ladrões, grileiros de terras indígenas, incendiários, devastadores da floresta, traficantes de madeira e de animais, garimpeiros ilegais, pecuaristas ilegais, pescadores ilegais, traficantes de drogas e toda sorte de bandidos, que agem livremente com a conivência das autoridades e até proteção e incentivo dos administradores, alguns dos quais com acento em Brasília. Com uma gama de facínoras desse naipe, não seria lógico deixar a iniciativa de livrar-se do indigenista Bruno e do jornalista Dom a três, quatro ou cinco marginais de baixíssima expressão. “Pelado”, “Dos Santos” e “Pelado da Dinha” são bois de piranha, escalados para assumir a “façanha”, enquanto os verdadeiros interessados – aos quais

Bruno e Dom estavam incomodando – refestelam-se em suas poltronas, fumando os seus charutos e planejando novos crimes.

A Amazônia é terra de ninguém. Praticamente, sempre foi assim. Desde os tempos do império e dos desbravadores do sertão brasileiro. Ao contrário dos pioneiros norte-americanos, que conquistaram o Oeste com suas famílias, abrindo horizontes e criando habitações e cidades, os portugueses avançaram sozinhos, matavam ou escravizavam os indígenas, colhiam os frutos de suas conquistas e retornavam ao Sul ou a ao Sudoeste. Depois, chegaram os seringalistas e, em seguida, os oportunistas de todos os tipos.

Mas a maior floresta tropical do planeta é também uma terra sem lei. Com a cumplicidade dos cartórios, posseiros ou arrendatários registravam as terras como suas. E as terras ilegais, afirma Roberto Gueudeville, cresceram mais de quatro a oito vezes o tamanho da Amazônia. E nas bacias dos rios Xingu, Tapajós, Tocantins, Madeira, Purus e Amazonas, os grileiros, mancomunados com os madeireiros, continuaram o seu trabalho de devastação da região. “As regras que valem ali são as do crime organizado”, atesta o delegado da Polícia Federal Alexandre Saraiva. “Ali atuam organizações criminosas com apoio dos políticos locais, estaduais, e tentáculos até nas mais altas esferas do governo brasileiro”.

Saraiva conhece bem a região e sabe o que diz. Atuou em diversos Estados da Amazônia por dez anos, de 2011 a 2021, quando deixou a chefia da Superintendência da PF no Amazonas. Foi o responsável por comandar a maior apreensão de madeira ilegal da história do Brasil. Em dezembro de 2020, a operação Handroanthus confiscou 226 mil metros cúbicos de toras na divisa do Amazonas com o Pará. Por isso, Saraiva perdeu o cargo e o então ministro do Meio Ambiente do capitão, Ricardo Salles, de tristíssima memória, deslocou-se de Brasília à região para prestar apoio aos madeireiros.

Para quem não sabe, Roberto Gueudeville, antes citado, é jornalista, escritor e repórter humanista, vencedor de três Prêmios Esso de Reportagem e autor de “A Floresta vai Morrer”, onde sustenta que se a floresta amazônica morrer, o agro morre junto. E o Brasil quebra.

Célio Heitor Guimarães é jornalista e consultor jurídico aposentado.

(Publicado no Blog do Zé Beto em 23/6/22)